



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Formação Profissional.

FORMAÇÃO, TRABALHO PROFISSIONAL E O PROCESSO DE ADOECIMENTO DO ESTAGIÁRIO EM SERVIÇO SOCIAL

Giselle Pinto da Silva¹

Gleice da Silva Guimaraes Vieira²

Davi Rodrigues dos Santos³

Renan Mattos de Oliveira⁴

Resumo: O trabalho apresenta a experiência da oficina educacional sobre adoecimento no estágio supervisionado em Serviço Social, realizada na Universidade Federal Fluminense no presente ano. Abordamos os efeitos nocivos da sociabilidade burguesa na atualidade para refletir sobre os desafios do campo de estágio e as alternativas ao adoecimento físico e mental do estagiário nos espaços sócio-ocupacionais.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Formação Profissional; Processo de adoecimento; Espaços Sócio-ocupacionais.

Abstract: The present work demonstrates the experience of educational workshop experience on illness in the supervised internship in Social Service, realized this year at Fluminense Federal University. We addressed the harmful effects of bourgeois sociability nowadays, in order to reflect upon the challenges of the internship field and the alternatives to the intern's physical and mental illness in the social-occupational spaces.

Keywords: Supervised Internship; Professional Qualification; Process of illness; Socio-occupational Spaces.

1. INTRODUÇÃO

Muito se tem debatido junto à categoria profissional sobre a centralidade do estágio supervisionado em Serviço Social. Podemos indicar certo consenso quanto ao importante papel ocupado pelo processo de supervisão de estágio na formação acadêmica dos estudantes, mas também um progressivo reconhecimento por parte dos supervisores de campo - assistentes sociais-, dos muitos ganhos possíveis ao seu fazer profissional, especialmente, o incentivo à capacitação continuada que a supervisão, de alguma forma, proporciona.

As condições em que se realiza o estágio, por sua vez, expressam todas as contradições presentes no cotidiano do exercício profissional dos assistentes sociais. Por

¹ Profissional de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, E-mail: giselleuff@gmail.com.

² Estudante de Graduação, Universidade Federal Fluminense, E-mail: giselleuff@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, Universidade Federal Fluminense, E-mail: giselleuff@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação, Universidade Federal Fluminense, E-mail: giselleuff@gmail.com.

vezes, lidar com essa realidade, que foge a toda uma idealização dos estudantes, pode gerar nos mesmos, processos de sofrimento ou adoecimento.

Partindo disso, o objetivo do presente trabalho é apresentar a experiência da Coordenação de Estágio da Escola de Serviço Social, da Universidade Federal Fluminense, Campus Niterói (ESS/UFF) que a partir da realização de uma oficina educacional para seu corpo discente, buscou refletir sobre o processo de adoecimento estudantil, destacadamente daqueles inseridos em campo de estágio.

2. DESENVOLVIMENTO

A Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, campus Niterói, está estruturada setorialmente em direção, departamento e coordenações de curso e estágio. A Coordenação de Estágio, cuja equipe contempla dois docentes que atuam como coordenadores de estágio e duas assistentes sociais, todos do quadro efetivo da universidade. Também é campo de estágio para a Escola e atualmente conta com três estagiários dos três níveis de estágio constantes na Política de Estágio da Escola.

Por meio do processo de supervisão, da participação nos Fóruns de Supervisão de Estágio da Escola, bem como dos atendimentos realizados com os discentes, observou-se que muitos estudantes vinham se colocando como “adoecidos” física e mentalmente em virtude dos muitos desafios que estavam enfrentando em sua trajetória acadêmica. Ora o motivo era a falta de recurso financeiro para custear os gastos com o curso, ora dificuldades advindas do campo de estágio. A própria busca por um campo que se adequasse às suas necessidades era apresentada como desencadeador de estresse para esses estudantes.

Reunindo essa experiência, a equipe se organizou, juntamente com os estagiários para iniciar um amplo debate na escola, em primeiro lugar, buscando ampliar os espaços de fala dos estudantes, mas também preparando material de apoio que pudesse colaborar com respostas a algumas das angustias relatadas por eles, tais como a falta de apoio da Universidade e maior conhecimento sobre a rede de serviços ofertados pela UFF que pudesse ser acessada pelo corpo discente e os apoiasse em sua trajetória acadêmica.

O preparo para a oficina intitulada “Condições de vida, de formação e de trabalho profissional e suas implicações no processo de adoecimento do estagiário em Serviço

Social” foi iniciado junto ao período letivo (março de 2019) e sua realização se deu em 21 de maio de 2019, dentro da agenda integrada da ESS para a comemoração do dia do Assistente Social. A dinâmica da oficina foi abordagem teórica do tema, a construção de questões para o debate e a abertura de amplos momentos de participação para todos aqueles que desejassem apresentar suas reflexões e experiências.

Abordamos o conteúdo em três partes. Em primeiro, buscou-se destacar o processo de adoecimento dos trabalhadores na fase atual do capital, perpassando as lutas e retrocessos sofridos pela classe trabalhadora em sua realização. As constantes perdas de direitos e avanço do capital sobre a subjetividade dos indivíduos sociais, em sua autoimagem, provocando intenso sofrimento físico e mental na contemporaneidade.

No segundo momento, tratamos dos impactos das transformações societárias sobre a vida do estudante universitário, refletindo sobre as pressões da vida acadêmica, a constante busca pelo sucesso profissional exigida pelo mercado, e os desafios que particularizam determinados segmentos estudantis, em virtude da sua condição socioeconômica e cultural, fazendo com que sua trajetória acadêmica seja permeada por processos de sofrimento e desmotivação.

A particularidade do campo de estágio foi tratada em um terceiro momento, em que refletimos seu papel na formação, sua importância no currículo acadêmico, tendo em vista que sua não realização impede a conclusão do curso. Partimos do debate já apontado, mas buscamos ainda refletir sobre os limites encontrados nos campos de estágio, assim como as dificuldades enfrentadas pela(o)s estudantes na procura por uma vaga de estágio que atenda seus anseios de formação profissional.

2.1 A condição do trabalhador na atualidade

No contexto atual marcado pela globalização, recuperação da crise de rentabilidade do capital, intensificação do processo de acumulação de capital para corresponder com as consequências da crise, gerou um conjunto de medidas em âmbito internacional de reestruturação e circulação, centrando-se principalmente na reestruturação produtiva (Pinto, 2016: 57).

Conforme sinalizou Berlinguer (1999), o ganho de capital em nossos dias passou a não respeitar nada (a vida, a saúde e até mesmo as partes do corpo humano vão se transformando em mercadoria). O projeto neoliberal é imposto aos povos com as regras do fundamentalismo monetário, *que não admite dissidências*, como fica evidente quando o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional subordinam sua ajuda ao compromisso dos governos de desmantelar os sistemas de saúde pública e previdência social, por exemplo.

Essa opção traz como consequência, crescentes desníveis de renda, de educação e de poder entre as classes e entre os povos que se traduzem, por quase toda a parte, - especialmente nos últimos 20 anos -, *em aumento das desigualdades de níveis de saúde, documentadas por estatísticas eloquentes, que se podem traduzir em milhões de existências humanas truncadas ou prejudicadas* (Idem, p.1).

A vivência diária dos processos de intensificação, desorganização e desqualificação do trabalho desencadeia, frequentemente nos trabalhadores, problemas de ordem emocional e física, já que no atual modelo de gestão do trabalho é preciso *viver para o trabalho*, deixando de lado, inclusive sua vida privada, seus momentos de lazer e descanso.

Na realização da oficina, os participantes colocaram situações como: **1)** os trabalhadores sendo obrigados a cumprir metas inalcançáveis; **2)** gestores que confundem liderança com assédio e abuso de poder, rotinas de trabalho que inviabilizam, por exemplo, a realização de cursos; **3)** medo constante dos trabalhadores em perder o emprego, aceitando assim a ocorrência desses processos. Outros fatores de adoecimento também foram destacados por Sato (2003),

entre os fatores que contribuem para a maior incidência do processo de adoecimento, a progressiva diminuição ou ausência do mínimo de controle dos trabalhadores sobre o processo de trabalho. Para a autora, essa ausência constitui-se em risco real para o desenvolvimento de diferentes formas de adoecimento que se desdobram em “problemas osteoarticulares, distúrbios gastrintestinais, alterações cardiovasculares, distúrbios de saúde mental e acidentes de trabalho” (p. 41).

Nesse cenário global fica evidente, e parece inevitável, o adoecimento dos trabalhadores em todo o mundo, pois há um condicionamento do corpo e da vida no mundo do trabalho mediado por uma racionalidade irracional que extrapola para o cotidiano da vida e, então, os indivíduos tomam a “velocidade” como um “valor” e a vida passa ser medida pelo controle do tempo.

Isso condiciona a relação da humanidade com o trabalho, mas também com a família, com os amigos, com o amor e na mesma proporção que o disciplinamento do corpo e da alma se torna mais severo mais se constrói uma sociedade doentia, cheia de síndromes do pânico, da bipolaridade, do stress, da hiperatividade, da depressão e assim por diante (Ribeiro, 2015: 78).

2.2 A Universidade como espaço de adoecimento

O início de uma carreira acadêmica tem vários motivos e sentimentos envolvidos. Estar em um curso de nível superior gera diversas aspirações e expectativas que, frequentemente, estão para além do conhecimento intelectual esperado, perpassando os anseios e experiências vividas na família, como melhoria da qualidade de vida, emancipação financeira ou para responder a conflitos (externos e internos).

Muitas vezes projetamos, mesmo que de forma inconsciente, objetivos fora da nossa realidade, queremos alcançá-los rapidamente, o que pode nos levar a desenvolver ansiedade e culpa quando não ocorre da forma esperada. Essas inquietações trazem questões de cunho emocional, e a própria “busca por alcançar algo” gera angústia, frustrações, crises, e mesmo depressão.

O ingresso na universidade culmina com a fase de transição da adolescência para a juventude, com a conclusão do ensino médio, com a saída da casa dos pais, do convívio familiar quase exclusivo, com o distanciamento do círculo de amizades e de relações próximas, para a construção de novos vínculos afetivos, para a vivência de uma nova realidade que em si também traz afetos, amizade, ou, em alguns casos, solidão, frustração e ansiedade.

Essas questões se somam a outras que atravessam as relações cotidianamente, como o estilo de vida na sociedade contemporânea, as contradições da relação capital x trabalho, a precarização/sobrecarga de trabalho, as pressões/imposições sociais, a obrigação/necessidade por uma formação, por casar, por ter filhos, as doenças, a família, o desemprego, e em muitos momentos, nos levam a um estresse e ao esgotamento que sobrecarregam o corpo e mente. De acordo com Loreto (1985), é importante reconhecer que os estudantes atravessam uma fase, relativamente longa, de *vulnerabilidade psicológica*, cabendo às instituições de ensino, onde estão inseridos, oferecer suporte e orientação para a superação desses conflitos (p.2).

A universidade, espaço de desenvolvimento do estudante, também pode ser, um espaço de sofrimento e adoecimento físico e psíquico. Nas falas dos participantes da oficina apareceram situações ligadas: **1)** ao processo de ensino e à meritocracia que se expressam em competição, uso do Coeficiente de Rendimento (CR) em processos seletivos, em que a lógica do mercado atravessa a da formação universitária, ignorando a presença de determinantes estruturais atuantes na vida social e também as subjetividades, produzindo silenciosos processos de adoecimento; **2)** a própria lógica de organização da estrutura física da universidade como cadeiras alinhadas, docentes em tablados, com o olhar de cima para baixo, cobranças exaustivas e cumulativas de literatura, e preocupação com notas na avaliação, o olhar com foco no intelectual e nos processos cognitivos que refuta a subjetividade dos indivíduos sociais, e suas relações objetivas, como é o caso dos estudantes-trabalhadores.

A partir da oficina vimos o quanto é urgente falarmos sobre o processo de adoecimento no meio acadêmico e buscarmos respostas institucionais, ainda que estejamos em uma conjuntura de cortes, precarização e sucateamento da educação. Para enfrentar esse projeto societário, e buscar a atenção aos processos ora destacados, a mobilização, a criação e o fortalecimento de espaços coletivos são fundamentais.

2.3 O campo de estágio e seu papel na formação e no sofrimento estudantil

Como abordamos até o momento, os processos de adoecimento que estamos argumentando tem como eixo norteador o contexto da crise contemporânea do capital e as novas formas de precarização e intensificação do trabalho. Dado isso, questionamos aos participantes de nossa oficina, por que o campo de estágio é um espaço de adoecimentos?

De modo geral, foram indicados os fatores de sofrimento e adoecimento relacionados, **1)** às precárias condições de trabalho encontradas em determinados campos de estágio; **2)** profissionais desanimados, desmotivados devido ao não reconhecimento de

suas ações pelos demais integrantes da equipe; **3)** formas de contratação inseguras, culminando com profissionais demitidos durante o processo de estágio, impactando na formação do alunado; **4)** complexidade das expressões da questão social que se somam à falta de eficiência e efetividade das políticas sociais públicas e equipes reduzidas devido ao baixo investimento em recursos econômicos e humanos; **5)** diversidade de formas de contratação no mesmo espaço sócio-ocupacional, dificultando o relacionamento interpessoal; **6)** ausência de atuação em rede, de ações conjuntas, desmotivando tanto profissionais quanto estagiários na proposição de novas ações, inclusive na implementação dos projetos de intervenção. Essas situações vêm gerando sentimentos de incapacidade e angústia, provocando desgaste físico e mental nos profissionais, assim como nos estagiários, segundo a experiência dos participantes da oficina educacional.

Notamos que essa situação de desânimo se iniciava no processo de busca por estágio, pois os fatores apontados acima impactam diretamente na disponibilidade dos profissionais em supervisionar estagiários. As consequências disso podem ser observadas na exclusão de estudantes no curso por não conseguirem se inserir em estágio, conforme fora identificado por Coimbra (2019). De acordo com a autora,

Um dos desafios presentes na Coordenação de Estágio da ESS/UFF diz respeito à demanda crescente por estágio frente à dificuldade de inserção de estudantes nos espaços profissionais de assistentes sociais. Segundo levantamento realizado pela Coordenação de Curso da ESS/UFF em Niterói no final do primeiro semestre de 2017, o período entre 2009 e 2014 apresentou um quantitativo de sessenta e nove (69) estudantes represados devido à não realização de estágio. Esse número de estudantes represados quase triplicou se compararmos com o ano de 2007, onde se registrou um total de vinte e quatro estudantes sem estágio, segundo o documento *Formulação das Diretrizes Gerais de Estágio Supervisionado da ESS/UFF* (Coimbra, 2019: 15).

Os riscos dessa situação são a evasão estudantil, o aumento do prazo de integralização, ou seja, o represamento no curso, e o jubramento. Sob a perspectiva que adotamos no presente trabalho, temos ainda os impactos sobre os desejos de conclusão da formação para dar prosseguimento aos projetos pessoais e profissionais. Parte desses estudantes já enfrenta os determinantes estruturais moldando sua vida, suas escolhas, passam por situações como a falta de recursos econômicos para a manutenção no curso superior. Temos ainda a condição diferenciada dos estudantes deficientes, dos estudantes-trabalhadores e daqueles que possuem filhos em idade escolar. Nesses casos, temos uma *confluência perversa* das condições objetivas de vida, marcadas por sua situação

socioeconômica, combinadas com dificuldades de materialização da formação profissional por fatores alheios a eles, como é o caso da inserção em campo de estágio.

3. RESULTADOS

A oficina contou com a presença de 22 ouvintes, sendo 3 docentes, 2 estudantes de outra Universidade interessados pela temática, e 19 discentes da ESS/UFF. Indo além do debate sobre o adoecimento do estagiário em si, buscamos, com a participação de todos, pensar alternativas para o enfrentamento desses processos. Inicialmente provocamos os participantes questionando-os sobre quais ferramentas e ações poderiam ser utilizadas para mudar a realidade atual apontada no debate, ou seja, como intervir nas dificuldades abordadas e diminuir e/ou aliviar o peso e as angústias trazidas nas falas do grupo.

Buscamos identificar possíveis alternativas públicas e/ou de baixo custo (programas, projetos e/ou serviços) ofertadas nos municípios de origem de cada um, bem como na cidade de Niterói, onde se localiza a ESS/UFF. Questionamos ainda seu grau de conhecimento quanto a recursos ofertados pela UFF, assim como no curso de Serviço Social. Antes da realização da oficina, contudo, já havíamos mapeado diversos recursos oferecidos na cidade de Niterói, na UFF e na ESS, especificamente, como por exemplo: espaços de cultura, esporte e lazer na cidade de Niterói, serviços de assistência social e de saúde; as diversas bolsas de assistência estudantil ofertadas pela UFF através de sua Pró-Reitoria específica chamada PROAES (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis); o restaurante universitário; bibliotecas; o transporte universitário (BUSUFF); a moradia estudantil; entre outros. Esse material intitulado “Rede de Apoio Estudantil” foi disponibilizado por endereço eletrônico para todos os participantes em momento posterior, contou com suas sugestões para agregar novos serviços e ficará disponível também na página da ESS para consulta pública.

Finalmente, contamos com a participação de uma profissional da área de recursos humanos que, a nosso convite, trouxe sua experiência profissional e indicou aos participantes alguns caminhos para o estabelecimento de metas pessoais que pudessem servir de apoio na concretização do projeto de vida de cada um, servindo também esta fala como um apoio ao enfrentamento do processo de adoecimento dos estudantes.

4. CONCLUSÃO

Através da experiência que ora relatamos, pudemos identificar, a partir das falas dos participantes, um conjunto de situações consideradas por eles como fatores de sofrimento e adoecimento. O debate mostrou a importância dessa temática dentro do cotidiano acadêmico. Verificamos a indispensabilidade de expor a problemática do adoecimento tanto no mundo do trabalho, quanto na formação acadêmica.

Os depoimentos destacaram a presença de questões estruturais e conjunturais advindas do processo de precarização agregado às novas requisições do mundo do trabalho e que impactam na redução da oferta de vagas de estágio e nas condições observadas nos campos. Dentre as dificuldades trazidas pelos participantes, temos: a) a utilização do estagiário como força de trabalho barata; b) a inexistência de acompanhamento didático-pedagógico no processo do estágio supervisionado curricular não-obrigatório; c) sobrecarga docente que se expressa na ausência de carga horária para viabilizar esse processo de supervisão, conforme ocorre com o estágio curricular obrigatório, d) dificuldades dos profissionais supervisores de participar de formações continuadas, ou seja, em desfrutar de sua autonomia profissional; e) contratações profissionais cada vez mais precarizadas; f) desmotivação e desmobilização, inclusive para participar dos espaços coletivos da categoria profissional.

Ao longo da atividade pudemos perceber que esse assunto suscitou indagações tanto nos estudantes, quanto nos docentes, e por ser uma problemática atual, ainda em processo de identificação, consideramos de suma importância a promoção desse debate através de uma oficina, abrindo o espaço de fala para todos aqueles que se sentiam, em alguma medida, adoecidos.

Por fim, vale destacar ainda os aprendizados agregados com essa iniciativa. Ela nos trouxe uma visão ampla sobre o que a nós se apresentava como uma ideia, uma opinião, “o estagiário também adoecer” como ouvimos nos atendimentos e aos poucos vimos surgir em nos espaços de debate: não somente os profissionais envolvidos no processo formativo, - os docentes -, e os atuantes nos espaços sócio-ocupacionais, - assistentes sociais -, que adoecem com os enfrentamentos da conjuntura atual, mas também os estudantes. Dentre

estes, destacam-se aqueles cujas múltiplas expressões da questão social fazem parte de seu cotidiano de vida, de sua formação profissional e por estarem presentes no mercado de trabalho dos assistentes sociais, influenciam sua experiência em estágio supervisionado em Serviço Social.

5. REFERÊNCIAS

BERLINGUER, G. Globalização e Saúde Global, Dossiê Saúde Pública. **Estudos Avançados**. vol.13 N.35, São Paulo, Janeiro a Abril de 1999.

COIMBRA, L. S. Da especificidade da intervenção profissional do assistente social no estágio: uma reflexão a partir da Coordenação de Estágio na ESS/UFF em Niterói. **Revista Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ**, v. III, p, 281, 2019.

LORETO, G. **Uma Experiência de Assistência Psicológica e Psiquiátricas a Estudantes Universitários**. Recife, 1985 (f.186). Tese doutorado, departamento de psicologia clínica, Universidade Federal do Pernambuco.

PINTO, M.B. Mudanças no trabalho do Assistente Social: exercício e formação profissionais. In, SANTOS, C. M; LEWGOY, A.M.B; ABREU, M.H.E. **A supervisão de estágio em serviço social: aprendizados e processos e desafios**. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2016.

RIBEIRO, A. F. Taylorismo, Fordismo e Toyotismo. **Revista Lutas Sociais**, PUC - São Paulo, vol.19 n.35, p.65-79, Julho a Dezembro de 2015.

SATO, L. Saúde e controle no trabalho: feições de um antigo problema. In: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley (Orgs.). **Saúde mental e trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41.